

# O BALLET PROIBIDO

Discurso proferido na sessão de 29 de março de 1976, do Senado Federal.

Não era minha intenção falar na sessão de hoje e nem falar antes de quarta-feira, quando devo proferir discurso mais demorado, examinando certos aspectos da realidade nacional, bem como determinadas passagens da mensagem de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, endereçada ao Congresso Nacional. Um fato ocorrido, agora, entretanto, fez com que me decidisse a rogar a atenção dos eminentes Senadores, nas considerações que entendi imprescindíveis e inadiáveis. E, graças à gentileza do nobre Senador Itamar Franco, encontro-me, neste momento, com a palavra para fazê-lo.

Sr. Presidente:

Nas vésperas de uma viagem presidencial à Europa, primeiro à França, depois ao Reino Unido, o Governo proíbe à Rede Globo de transmitir o ballet *Romeu e Julieta* numa apresentação de gala, comemorativa do bicentenário de fundação do famoso Ballet Bolshoi, de Moscou. Eram 112 os países que se reuniram num gigantesco *pool* de televisão para transmitir o espetáculo de que participaram cerca de 300 bailarinos e que, em janeiro, fora gravado por equipes da CBS dos Estados Unidos, da BBC de Londres e da Teleglob da Alemanha; eram 112, foram 111; o Brasil foi proibido de ver o espetáculo que se imaginava vir a ser inesquecível. Proibido. Por quem? Pelo Governo. Por quê? Não se sabe.

Quando medidas dessa natureza são tomadas, positivamente, as coisas não andam bem. Pelo que sei, fosse Presidente o Marechal Castello Branco e Milton Campos o Ministro da Justiça, e como o resto do mundo o Brasil também poderia ter assistido o espetáculo maravilhoso e creio que ambos, Presidente e Ministro, não desperdiçariam a oportunidade de ver na televisão o que não lhes era dado ver diretamente.

Para mim o fato revela que, em matéria de repressão e de censura, continuamos a cair e revela ainda como o povo brasileiro é desprimorosamente julgado pelo Governo brasileiro.

E a imagem do Brasil no exterior? O racionamento da gasolina foi afastado de cogitações governamentais, segundo o Presidente da República em discurso proferido perante a Nação, porque poderia contribuir para comprometer a imagem do País no exterior! A proibição de agora, colocando o Brasil numa situação singular em todo o mundo, exatamente às vésperas da viagem presidencial a França, em um dia fez mais mal ao Brasil do que doze anos de manifestações externas em desfavor dos governos do Brasil. O que todos os banidos não conseguiram fazer em 12 anos, o Governo conseguiu fazer em um dia.

O Brasil, não se sabe porquê, foi proibido de assistir o ballet *Romeu e Julieta*... e a Rede Globo proibida de informar que a sua transmissão foi proibida...

A autoridade que assim decidiu, e que permaneceu impermeável a todas as ponderações da Rede Globo, autoridade que parece não manter relações muito amistosas com a beleza em geral e com a arte coreográfica em particular, não se dignou de dar os motivos da sua decisão, que há de ficar histórica nos Anais da censura.

Mas, exatamente porque as razões de decidir permaneceram secretas, filtraram-se informações segundo as quais a proximidade da passagem do aniversário da Revolução seria a *ratio decidendi*. O Ballet Bolshoi é de Moscou; na Rússia impera o comunismo; a revolução de março teve inspiração anti-comunista; logo — embora não haja nenhuma relação de causalidade entre uma proposição e outra — logo, não pode ser permitida a transmissão de *Romeu e Julieta* pelo Ballet Bolshoi, na semana que antecede o 12º aniversário da Revolução.

Sr. Presidente, o *Jornal do Brasil* de hoje traz um artigo de Paulo Maia sob o título “Censura não é Cultura”. Dele aproveito esta passagem:

O Ballet Bolshoi, sabem os menos incultos, é uma respeitável e secular instrumentação internacional de dança. É tão marxista como o seria Leon Tolstói, e o germe da subversão comunista está presente nos compassos de sua dança como poderia estar vivo nas barbas do Czar Nicolau II. Sem medo de exagero, pode-se garantir que ele é tão soviético como Shakespeare é inglês. Quer dizer: trata-se de um patrimônio cultural da Humanidade que nem pode ser aprisionado pelo realismo socialista lucakseano nem vai deixar de falar a linguagem universal da dança por vontade de uma política, seja a nossa tropical, seja a temperada nas estepes da União Soviética.

O mesmo jornal, Sr. Presidente, informa que a primeira bailarina do ballet é

“Considerada por muitos a maior bailarina do mundo desde Ana Pavlova, Maia Plissetskaia — que foi apresentada ontem aos telespectadores da emissora educativa do Governo, junto com outros talentos do ballet — conseguiu sempre, de acordo com *Clarín*, de Buenos Aires, “exercer nos públicos de diferentes latitudes uma poderosa fascinação”.

Numa recente *tournee* pelo México, houve reações delirantes na platéia. Depois do adágio *A Morte da Rosa*, com 11 minutos de duração, os espectadores, “comovidos até às lágrimas, a ovacionaram de pé durante meia hora”. E na suíte, *Carmen* foi obrigada a voltar à cena 30 vezes, pois o público se negava a retirar-se do teatro, mesmo depois de se apagarem as luzes.

Para melhor descrever “esta mulher de idade indefinível, de rosto ascético, de figura angulosa, que se transforma bailando até adquirir as proporções de um ser quase mitológico”, *Clarín* reproduziu uma entrevista à revista moscovita *Yunost*, na qual Plissetskaia descobriu uma ponta de sua personalidade. O que quer comunicar ao público? — Perguntam-lhe. “A alegria de viver. Quero dizer-lhes que a vida é bela”, responde a primeira bailarina do Bolshoi”.

Esta artista excepcional, Sr. Presidente, a primeira figura do Ballet Bolshoi, o Brasil não pôde aplaudi-la e por ordem do Governo não se sabe porquê.

O SR. MARCOS FREIRE - Permite V.Exa. um aparte?

O SR. ROBERTO SATURNINO - Permite V.Exa. um aparte?

O SR. RUY SANTOS - Permite V.Exa. um aparte?

O SR. PAULO BROSSARD - Ouço, pela ordem, os três Srs. Senadores, que vejo querem apartear-me, para gáudio e honra minha.

O SR. MARCOS FREIRE - Sr. Senador Paulo Brossard, V.Exa. concluiu a leitura de um artigo que se referia à beleza da vida, mas poderíamos dizer que, no Brasil, temos a tristeza da Cultura brasileira. Não têm sido poucas as vezes em que vêm sendo denunciadas, das tribunas parlamentares, as limitações, as restrições, as censuras impostas às várias manifestações de cultura em nosso País na música, no teatro, no cinema, nos livros, na imprensa, e tantas e tantas outras formas de manifestação e cultura, para não nos esquecermos do meio universitário. Ainda sexta-feira passada, denunciava eu censura violenta que vem recebendo, entre outros órgãos de imprensa, a *Tribuna de Imprensa*. E a resposta em relação, especificamente, ao assunto denunciado, foi o silêncio por parte da ilustre Liderança da ARENA. Acredito, Sr. Senador, que esta situação, além de vergonhosa para o Brasil, perante o mundo, quando cento e onze países e milhões de cidadãos...

O SR. PAULO BROSSARD - Centenas de milhões!

O SR. MARCOS FREIRE - Exatamente.

... vão assistir esse espetáculo maravilhoso a nós é vedado igual ensino. Não sei o que a Bancada da ARENA vai dizer em relação a mais esse truncamento de manifestação cultural para o nosso povo. Acredito no vexame a que é submetida a ARENA quando V.Exa. traz à baila mais essa prova de mesquinaria e de primarismo da censura federal. Imagino o vexame da ARENA porque também sofremos perante os nossos filhos,

que nos indagam que mal, que pecado, que crime esse ballet traria às famílias brasileiras se televisionado para dentro das nossas casas. É um vexame que é comum a todos nós e que mostra, sem dúvida, até que ponto chegamos na repressão oficial no que diz respeito às várias manifestações de cultura. Parabéns, Sr. Senador Paulo Brossard. V.Exa., neste instante, fala, por certo não apenas em nome do MDB, mas, sem dúvida alguma, em nome de toda a Nação constrangida e envergonhada.

O SR. PAULO BROSSARD - Sou grato, Sr. Presidente, ao aparte do nobre Senador Marcos Freire; e devo dizer...

O SR. RUY SANTOS - V.Exa. permite um aparte?

O SR. PAULO BROSSARD - ...que eu preferiria não ter falado neste assunto. Mas, antes de vir a esta tribuna, lembrei-me de que Érico Veríssimo, quando disse ao Rio Grande que ia votar no então candidato do MDB ao Senado da República, disse ao Rio Grande que a sua voz haveria de ouvir-se neste Senado, toda a vez que fatos como esses acontecessem. Não poderia faltar, deste modo, à aspiração do grande cidadão e do grande artista que foi Érico Veríssimo.

O SR. ROBERTO SATURNINO - V.Exa. permite um aparte? (*Assentimento do orador*). Senador Paulo Brossard, tinha a intenção, também, de ocupar a tribuna, para comentar esta tristíssima decisão governamental no fim de semana. Porém, V.Exa. adiantou-se e expressa muito bem o ponto de vista de toda a Bancada do MDB; e como aliás disse o Senador Marcos Freire, expressa V.Exa. o sentimento de toda a Nação neste dia, diante de uma decisão tão condenável. Há pouco tempo, recordo-me, li, em vários jornais, declarações do Sr. Ministro da Educação e Cultura — Senador Ney Braga — em que ele dizia que o Ministério não era apenas da Educação; o era, também, da Cultura e faria questão de dar ênfase, em sua gestão a esse aspecto que considerava tão importante quanto o da Educação. Confesso a V.Exa. que isso chegou a acender alguma luz, alguma esperança, nos pensamentos de todos aqueles que se preocupam com o aspecto fundamental, que é o da cultura. Entretanto, hoje, por uma decisão dessas, vemos que tudo são declarações vãs e que realmente o Governo, colocando o seu Ministro da Educação nesta situação verdadeiramente ridícula de esvaziar as suas declarações e as suas intenções, de tal maneira apaga em nós toda a esperança de ver neste período, nesta gestão, o tema da cultura realmente valorizado como nós queremos, como toda a Nação, como todo o Brasil quer. Parabéns a V.Exa., por expressar muito oportunamente, muito corretamente, todo o ponto de vista da nossa bancada e da Nação brasileira.

O SR. PAULO BROSSARD - Sou grato ao aparte do nobre Senador Roberto Saturnino, e ouço a intervenção do ilustre Senador Itamar

Franco.

O SR. ITAMAR FRANCO - Em seu aparte o nobre Senador Roberto Saturnino se referiu ao problema da cultura, através do Ministério da Educação e Cultura. Como sabe V.Exa. trago hoje a esta Casa um trabalho de Afonso Arinos de Melo Franco, sua *Política Nacional de Cultura*, já que pretendia, como disse inicialmente, abordar o mesmo assunto. Peço permissão a V.Exa. para ler alguns tópicos dessa *Símula* do Conselho Federal de Cultura. Entre outras coisas, diz Afonso Arinos:

“Hoje, porém, os novos meios de comunicação — o cinema, o rádio e a televisão — colocam a criação cultural ao alcance das multidões, incapazes, por deficiências educacionais próprias dos países em desenvolvimento, de terem acesso às manifestações escritas ou à compreensão das manifestações plásticas da cultura”.

Diz mais ainda Afonso Arinos nessa sua *Símula*:

“O lazer, em uma civilização democrática, representa o gozo da liberdade no uso do tempo. A tecnologia aplicada à industrialização diminui cada vez mais o tempo obrigatório, liberando-o para o homem. O tempo vazio é sempre fonte de desajustamentos pessoais e sociais. Um dos deveres culturais do Estado é a organização cultural do lazer. Ela vai desde a atração das coletividades jovens até a assistência cultural aos solitários idosos. Espetáculos culturais públicos de música, teatro, dança ou atletismo; Ou particulares, do mesmo gênero, transportados pela televisão para milhões de lares, elevam o padrão cultural, difundem os valores culturais nacionais e fazem da liberdade do tempo uma alegria e não uma angústia ou um meio de alienação e de contracultura”.

Este, o pensamento de Afonso Arinos na sua *Símula* ao Conselho Federal de Educação, razão por que, nobre Senador Paulo Brossard, estranhemos também o que aconteceu a Rede Globo de Televisão, sendo-lhe vetada a transmissão daquele balé. E para que não fiquem dúvidas, Senador Paulo Brossard, vamos dirimir que não somos comunistas e nem pertencemos à família dos Capuletos.

O SR. RUY SANTOS - V.Exa. me permite um aparte?

O SR. PAULO BROSSARD - Realmente, Sr. Presidente, a televisão é um instrumento maravilhoso de aprimoramento da cultura popular. Esta teria sido uma ocasião excepcional para que o Brasil inteiro assistisse a um espetáculo que, a nós outros, pobres mortais, não nos é permitida assistir diretamente.

Vou ouvir, com a atenção merecida, o aparte do nobre Senador Ruy Santos.

O SR. RUY SANTOS - Era meu pensamento aguardar V.Exa. se aproximasse do final do seu discurso, para lhe dar um aparte de caráter pessoal. Eu também, nobre Senador, lamento ter-me privado de ver o balé russo. Falou o eminente Senador Marcos Freire na tristeza da Cultura Brasileira. A Cultura brasileira, perdoe-me S.Exa., não é triste. A Cultura brasileira é viva, e ela está aí nos seus artistas, nos seus poetas e nos seus escritores. V.Exa. mesmo, há pouco, referiu-se ao desaparecimento de Érico Veríssimo, essa grande figura do romance brasileiro, e estou ansioso para ler o segundo tomo do seu *Solo de Clarineta*. A Cultura, como a Arte, não tem pátria.

O SR. PAULO BROSSARD - Claro!

O SR. RUY SANTOS - O Balé Russo não é russo. Mesmo a Cultura brasileira, de um país incipiente, não é brasileira.

O SR. PAULO BROSSARD - Não é russo e muito menos soviético, se me permite.

O SR. RUY SANTOS - Não conheço os motivos que levaram o Governo a essa proibição. Sei apenas que, já após a vitória do Movimento de 1964, balés russos vieram ao Brasil, clubes esportivos russos vieram ao Brasil, para disputar torneios de basquete ou de futebol. Não conheço, assim, a razão do Governo para essa proibição, mas, mesmo que a conhecesse, só posso lamentar — como V.Exa. — ter-me privado do prazer da visão da coreografia do Ballet Bolshoi.

O SR. PAULO BROSSARD - Não poderia esperar de parte de um intelectual como o eminente Senador baiano, outra manifestação que não esta.

Já que o Senador Ruy Santos trouxe outra vez à minha lembrança o nome de Érico Veríssimo — ele, que era homem dos mais moderados e mais transigentes — volto a insistir na radical posição de Érico Veríssimo contra toda espécie de censura. Érico era um dos homens mais polidos, mais tolerantes que já conheci, mas era radical em relação à censura, que ele abominava. Expedido um decreto-lei, de cujo número não me lembro mais, estabelecendo, contra letra expressa da Constituição, a censura prévia, Érico Veríssimo me escreveu uma carta, que li da tribuna da Câmara dos Deputados, reafirmando exatamente essa sua posição. Quando na campanha de 1974 ele tornou público, perante o Rio Grande, o seu voto, numa carta **preciosa** e histórica — e para mim motivo de orgulho, sem dúvida — ainda insistiu neste ponto.

De um intelectual — volto a dizer — não poderia esperar outra manifestação que não a que o Senado ouviu do nobre Senador Ruy Santos.

O SR. MARCOS FREIRE - Permite V.Exa. rápida intervenção?

O SR. PAULO BROSSARD - Pois não.

O SR. MARCOS FREIRE - Daí, Excelência, a tristeza da nossa Cultura tão bela, uma Cultura que vem sendo restringida pela censura. Uma Cultura tão bela que vê as músicas do Sr. Chico Buarque censuradas, que vê as peças teatrais do Sr. Plínio Marcos censuradas. Uma Cultura tão bela e, no entanto, que sangra e chora, por causa dessa visão tão estreita e tão primária da Censura Federal.

O SR. ROBERTO SATURNINO - E que chega ao ponto de proibir livros como *Sexus*, de Henry Müller, considerado, afinal de contas, patrimônio da Literatura universal. Imagino o que diria Érico Veríssimo...

O SR. PAULO BROSSARD - Pensei nele, nobre Senador, quando tomei conhecimento daquela apreensão.

O SR. GILVAN ROCHA - Permite V.Exa. um aparte? (*Assentimento do orador*). Não desejava intervir mais no discurso de V.Exa. que está recebendo, praticamente, a unanimidade desta Casa. Desejo ater-me a uma observação que me parece pertinente. Certamente, alguns círculos vão querer minimizar o fato de uma simples proibição da apresentação de um ballet tenha gerado discurso tão emocionante, a qualificação e a quantidade de apartes nesta Casa. E lembro, não a V.Exa., que o sabe, mas a esta Casa e ao povo brasileiro, que esse episódio significa amostragem da nossa intolerância, e também friso que V.Exa. teve provas, nesta Casa, que o ato da Censura foi absolutamente unilateral. Esse ato não corresponde aos **anseios do** povo brasileiro que tem, como uma de suas qualificações maiores, a sua sensibilidade estética, que o braço da Censura não conseguirá amordaçar.

O SR. PAULO BROSSARD - Muito obrigado, nobre Senador Gilvan Rocha.

Prossigo, Sr. Presidente, para encerrar.

Não chego a sentir indignação, mas confesso meu acabrunhamento diante dessa medida. E para requintar, a *Rede Globo* foi proibida de informar que a sua esperada transmissão fora proibida...

Confesso a impotência da minha palavra diante da estupidez dessa

providência, e só me ocorre repetir conceito do Presidente Humberto de Alencar Castello Branco, proferido na minha terra, em Bagé, no dia 10 de outubro de 1965:

“Para se combater o perigo comunista, não se pode vestir a Nação com a camisa de força do nazismo”.

Por essas e outras, os livros contendo os discursos do Marechal Castello Branco começam a correr o sério risco de serem apreendidos pelo Ministério da Justiça...

Será com expedientes dessa ordem que o Governo pretende manter um cordão sanitário de modo a insular o Brasil, protegendo-o dos eflúvios malsãos do imperialismo soviético?

Só nos resta redobrar esforços no sentido de libertar o País dessa mentalidade que veta *Romeu e Julieta* pelo Ballet Bolshoi...

Para que a crônica do episódio não fique incompleta, Sr. Presidente, convém aditar que a apresentação do Ballet Bolshoi foi substituída — leio nos jornais de hoje — por uma comédia americana, em que uma doméstica *sexy*, na ausência temporária da senhora, resolveu obter os afetos do patrão.

O SR. MARCOS FREIRE - Sinal dos tempos, Senador.

O SR. PAULO BROSSARD - Nela trabalha uma artista, diz ainda o *Jornal do Brasil*, que nos Estados Unidos se notabilizou por sua participação em filmes pornográficos. Como se vê, tudo altamente educativo e acima de qualquer suspeita ideológica! (*Muito bem! Palmas.*)